



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

A EDUCAÇÃO DE SURDOS TOMANDO COMO FOCO O BILINGUISMO

JULIANA CRISTINA SILVA DE BRITO

Campina Grande – PB
2015

JULIANA CRISTINA SILVA DE BRITO

A EDUCAÇÃO DE SURDOS TOMANDO COMO FOCO O BILINGUISMO

Trabalho de conclusão de curso –
TCC apresentado ao departamento do
curso de pedagogia, da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do grau de
graduada em pedagogia.

Campina Grande – PB
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B862e Brito, Juliana Cristina Silva de.
A educação de surdos tomando como foco o bilinguismo
[manuscrito] / Juliana Cristina Silva de Brito. - 2015.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Departamento
de Educação".

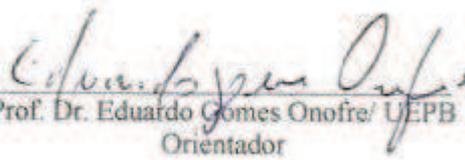
1. Educação de surdos. 2. Oralismo. 3. Bilinguismo. I.
Título.

21. ed. CDD 371.912

JULIANA CRISTINA SILVA DE BRITO

A EDUCAÇÃO SURDA TOMANDO COMO FOCO O BILINGUISMO

Este trabalho de conclusão de curso – TCC foi julgado adequada para obtenção do título de graduada em pedagogia, sendo aprovada em sua forma final


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre/ UEPB
Orientador


Prof. Especialista Ricardo Manoel Oliveira Ferreira/ UEPB
Examinador

Professor Esp. Fabio Alexandre Santos - ETEP

Campina Grande – PB, 26, de Maio, 2015.

DEDICATORIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, a minha mãe Maria Ivonete, ao meu noivo Jean Carlos, a minha filha Ana Júlia e aos meus irmãos.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus que me troce a vida e que por meio dele pude realizar todos os meus sonhos, a minha mãe Maria Ivonete por sempre ter me apoiado e ter cuidado de mim com tanto amor e carinho, ao meu noivo Jean Carlos por sempre esta me apoiando e me incentivando nos estudos, a minha filha Ana Júlia que mesmo sem saber, me da um apoio e uma felicidade incondicional, aos meus irmãos Júlio Cezar e Allan Kardec, e as minhas cunhadas Jordânia e Luziene, ao meu professor e orientador Eduardo Onofre por ter tido paciência e compreensão e ter me ajudado.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com o tema de educação de surdos tomando como foco o bilinguismo, com o objetivo central de compreender como a educação de surdos é adquirida, tomando como foco o bilinguismo. Como metodologia foi realizada a pesquisa qualitativa. A pesquisa foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico pertinente ao tema, e uma entrevista. Os participantes desta entrevista foram quatro professores de uma escola espacial para surdos em Campina Grande, a de campo foi realizada em novembro de 2014. Os resultados indicaram que no decorrer dos tempos, várias metodologias foram introduzidas no ensino dos alunos surdos no Brasil, entre as quais está o Oralismo, o Bilinguismo. Em benefício ao conteúdo desta pesquisa pretende-se destacar os o(s) método(s) mais adequado(s) para o ensino aprendizagem dos surdos. Portanto, concluímos que para compreender o porquê de se esta sendo trabalhado o Bilinguismo na Educação Surda, temos que entender como e quais foram os outros métodos ate chegar ao bilinguismo, e a importância de compreender e valorizar a educação surda.

PALAVRAS-CHAVE: Oralismo, Bilinguismo e Educação de Surdos.

Abstrat

This work was carried out with the deaf education theme taking as focus bilingualism, with the main objective to understand how deaf education is acquired, taking as focus bilingualism. The methodology qualitative research was conducted. The survey was conducted by means of a relevant literature to the theme as well as critical analysis and the production of new knowledge. And through the interview, where participants of this interview were four teachers of a space school for the deaf in Campina Grande, the course was held in November 2014. The results indicated that in the course of time, various methodologies have been introduced in teaching deaf students in Brazil, among which is the oralism, the Bilingualism. In addition to the contents of this search aims to highlight the (s) method (s) best suited (s) for the deaf learning education. Therefore, we conclude that to understand why this is being worked on bilingualism in deaf education, we must understand how and what were the other methods even get to bilingualism and the importance of understanding and valuing deaf education.

KEYWORDS: oralism, Bilingualism and Deaf Education.

Lista de abreviaturas e siglas

INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LIBRAS -Língua de Brasileira Sinais

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

LSCB - Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros

LSKB - Língua de Sinais Kaapor Brasileira

MEC – Ministério de Educação

Sumario

Introdução.....	10
1. Fundamentação teórica.....	11
1.1 Deficiência auditiva ou surdez: uma discussão em torno da terminologia.....	11
1.2 A educação dos surdos: um breve histórico	12
1.3 Propostas/ações/métodos pedagógicos na educação surda: o oralismo, Libras e o bilinguismo em foco.....	15
1.3.1 O oralismo.....	15
1.3.2 Libras.....	16
1.3.3 Comunicação total.....	17
1.3.4 O bilinguismo.....	18
2. Metodologia.....	20
2.1 Tipo de pesquisa.....	20
2.2 Instrumento da pesquisa.....	20
2.3 Participantes da pesquisa.....	21
2.4 Análise dos dados.....	21
3. Apresentação e discussão dos resultados.....	22
4. À guisa de conclusão.....	26
Referencia Bibliográfica.....	27
Apêndice.....	30
Entrevista semi-estruturada.....	31

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos uma discussão sobre a educação de Surdos tomando como foco o bilinguismo. Dessa forma, refletimos como está sendo a educação dos surdos nas escolas especiais, assim como a formação da identidade e do indivíduo surdo no espaço escolar.

Com isso começamos o estudo, com um breve histórico de como a educação de surdos chegou ao Brasil e como vem se desenvolvendo ao longo das décadas, quais foram os métodos que essa educação passou e como ela esta sendo abordada hoje em dia. Para essa parte histórica utilizamos como referencia teórica, os autores Goldfeld e Myrla, para melhor explicar todo esse período utilizamos algumas leis e decretos que fizeram parte de todo esse período da educação dos surdos, como o congresso de Milão que foi um importante congresso na trajetória histórica da educação de surdos.

Para podermos entrar nas formas de educação de surdos, precisamos entender o que é surdez, quais os tipos que se tem de surdez. Assim, expomos posteriormente que existe a surdez parcial ou total, onde se tem a surdez leve, moderada e profunda. A surdez poder ser de nascença ou adquirida com o tempo.

A educação de surdos começou com o método oral, onde os surdos eram obrigados a aprender a oralizar como os ouvintes. Esse método era considerado adequado, pois era para que eles “deixassem” de ser excluídos da sociedade e que se fossem se ingressando na sociedade e principalmente no setor trabalhista.

Com o passar do tempo esse método foi considerado inadequado e passou a ser o método da comunicação oral e em seguida o método que é utilizado ate hoje que é o método bilíngue onde é o considerado mais adequado e mais eficaz para a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo surdo. Esse método utiliza a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como a primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua na modalidade escrita.

1. CAPITULO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Deficiência auditiva ou surdez: uma discussão em torno da terminologia.

Deficiência auditiva ou surdez é a perda parcial ou total da audição, as pessoas que tem deficiência auditiva, são diagnosticadas de como parcialmente surdo e como surdos, nesse diagnostico cada um ainda tem uma subdivisão, onde na parcialmente surda se tem a surdez leve e a moderada, na surdez severa e a profunda.

A surdez leve é aquela que o indivíduo tem uma perda auditiva de apenas quarenta decibéis, essa perda auditiva não impedi que o individuo aprenda a língua oral, se tem dificuldade de escutar voz ou sons fracos ou distantes, também se tem dificuldades de distingui os fonemas das palavras, muitos dos indivíduos que possuem essa surdez leve são consideradas desatentas, pois muitas das vezes é necessário que se repita para que ela possa compreender o que se esta sendo dita.

A surdez moderada é aquela que o indivíduo tem uma perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis, esses limites ficam aparentes atravez do seu desenvolvimento linguístico, pois se apresenta dificuldade e as palavras para serem entendidas tem que ser em certa intensidade.

Esse indivíduo tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes ruidosos. Em geral, ele identifica as palavras mais significativas, tendo dificuldades em compreender certos termos de relação e/ou formas gramaticais complexas. Sua compreensão verbal está intimamente ligada a sua aptidão para a percepção visual. (BRASIL,1997)

A surdez severa é aquela que o indivíduo apresenta uma perda auditiva de setenta a noventa decibéis. O individuo com essa surdez ele apresenta dificuldade em aprender fala, pode ate chegar aos quatro ou cinco anos sem aprender a fala, o individuo só reconhece alguns ruídos e a voz apenas em tonalidade forte.

A surdez profunda é aquela que o indivíduo apresenta uma perda auditiva superior a noventa decibéis, o individuo com esse tipo de surdez tem perda total da audição e o individuo não consegue identifica e não consegue adquirir a língua oral com facilidade.

Segundo Silva (2007) a causa da deficiência auditiva pode ser hereditária, adquiridas no pré-natal, e adquiridas pós-natal. Dentre os fatores ambientais que acarretam a deficiência auditiva destacam-se as infecções, drogas e traumatismos cranianos.

Causas Pré-natais: Desordens genéticas ou hereditárias; relativas à consanguinidade; relativas ao Rh; relativas a doenças infectocontagiosas, comorubéola; sífilis, citomegalovirus, toxoplasmosse, herpes; remédios, ototóxicos, drogas, alcoolismo materno; desnutrição, carências alimentares, pressão alta, diabetes; exposição à radiação.

Causas Pré-natais: Pré-maturidade, pós-maturidade, anóxia, fórceps; infecção hospitalar.

Causas Pós-natais: Meningite, remédios ototóxicos, em excesso, com ou sem orientação medicas; sífilis adquirida; sarampo, caxumba; exposição continua a ruídos ou sons muitos altos; traumatismos cranianos (BRASIL, 1997).

Pode se perceber que uma criança nasce surda a partir do momento em que ela não reage a estímulos sonoros como bater palmas, com o passar dos meses se pode identificar quando a mesma não procura com os olhos de onde vem os sons, não responde ao chamado dos pais, com o passar do tempo se começa a entender e a se comunicar através de gestos, não consegue pronunciar palavras simples, entre outras, se tem que parti da sensibilidade dos pais para inserirem o quando antes a língua de sinais para que essa criança possa se comunicar e se sentir incluído.

1.2 A educação dos surdos: um breve histórico

No Brasil, se tem informações de que em 1855 chegou o professor surdo, francês Hernest Huet, trazido pelo imperador D. Pedro II, para iniciar um trabalho de educação de duas crianças surdas, com bolsas de estudo pagas pelo governo (GOLDFELD, 2002, p.32). Após a chegada de Hernest Huet, começa as primeiras discussões sobre a construção de uma escola para crianças surdas. Assim, em 26 de setembro de 1857 é fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, o atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que utilizava a linguagem de sinais – Libras, como primeira língua para desenvolver a aprendizagem das crianças e jovens.

O Congresso Mundial da Educação Surda, mais conhecido como o congresso de Milão foi realizado em 1880, este congresso durou o período de três dias e contou com a presença de educadores de surdos de todo o mundo, que juntos discutiam métodos e

formas para se ensinar aos surdos. Foram discutidas oito resoluções, onde apenas uma foi aprovada com unanimidade, que foi a terceira, que constitui que “os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação” nas outras resoluções se é colocado que o aluno surdo deve ser ensinado através do oralismo¹. E que a linguagem gestual deve ser banida, as crianças surdas deveriam engessar na escola entre a faixa etária dos oito a dez anos, e permanecer na mesma num período de sete a oito anos, e a partir do ensino no oralismo, o surdo era obrigado a apenas se comunicar por meio da oralidade.

O congresso de Milão foi o lado obscuro da história da educação de surdos, pois foi um congresso onde só era constituído de pessoas ouvintes, que juntas decidiram “a melhor forma” de se ensinar a criança surda. Ainda em 1911, no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). O antigo Instituto Imperial dos Meninos Surdos-Mudos, foram seguindo as tendências mundiais, onde se era mais utilizada à oralidade em todas as disciplinas dadas, mais ainda era utilizada a linguagem de sinais, mais a partir de 1957 foi proibida a utilização da linguagem de sinais na sala de aula, mesmo assim com todas as proibições os alunos continuavam utilizando nos corredores e no pátio da escola.

Já 1970 com a visita de Ivete Vasconcelos, educadora de surdos da universidade Gallaudet, ao Brasil, na década seguinte iniciou-se o ensino Bilíngüe, com base nas pesquisas da professora lingüista Lucinda Ferreira Brito, sobre a linguagem de sinais.

No início de suas pesquisas, seguindo o padrão internacional de abreviação das línguas de sinais, a professora abreviou esta língua de Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) para diferenciá-la da Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), utilizada pelos índios Umburu-Kaapor no Estado do Maranhão. A partir de 1994, Brito passa a utilizar a abreviação Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), que foi criada pela própria comunidade surda para designar a LSCB. (GOLDFELD, 2002,p.33).

Segundo Myrla, em 1993 a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) através do grupo de pesquisa “estudo da LIBRAS, aquisição da Linguagem e Aplicação à Educação de Surdos”, coordenado pela professora Lucinda Ferreira, organizou o II Congresso Latino Americano de Bilinguismo (Língua de sinais/ Língua oral), para

¹Os métodos oralismo e bilinguismo serão discutidos nos capítulos a seguintes.

surdos, onde foram ministrados vários mini-cursos com professores trazidos de fora do Brasil.

Em 1994 houve a Declaração de Salamanca, que foi a conferência mundial da educação especial, que contou com a presença de oitenta e oito representantes de governos e vinte e cinco organizações internacionais, que se reuniram em assembleia na cidade de Salamanca, Espanha, entre sete e dez de junho de 1994, onde essa assembleia convenceu para reafirmar o compromisso da educação para todos, e assim reconhecendo as necessidades que possuem as crianças e jovens, com necessidades educacionais especiais.

Com o avanço da preocupação com a educação especial em 1996, surgiu a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - lei de número 9394/96, que além de tratar da educação básica, também teve a preocupação de destacar a educação especial. Nesta lei a educação especial está voltada no capítulo cinco, e possui três artigos em que garante a educação para pessoas com necessidades educacionais especiais, na rede regular de ensino, e que tenha na escola pessoas formadas para atender as necessidades desses alunos e que tenham métodos, práticas e materiais pedagógicos que ajudem a esse ensino.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados; III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora; V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (BRASIL, 1996)

Sempre se tem em foco a educação especial de uma forma global, assim as leis abrangem todas as necessidades, mais em 2002 surgiu a lei de número 10.436 em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) passou a ser reconhecida por meio legal como uma forma de comunicação, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, onde se possui uma estrutura gramatical própria, em que as pessoas surdas no Brasil se comunicam, e assim

transmitem fatos, ideias. Com isso, essa lei prioriza e garante que a Libras, seja ensinada aos surdos, e igualmente se é colocado na lei que mesmo o aluno surdo se comunicando com a utilização da língua de sinais, também tem que ser ensinada a língua portuguesa, pois não se poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Em 2005 houve uma regulamentação das leis que dispõem sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, onde se é colocado no seu primeiro capítulo, a obrigação de Libras como uma disciplina curricular obrigatória, a todos os cursos de formação de professores tanto em ensino infantil, médio e superior, como também no curso de fonoaudiologia. A partir destas leis inicia-se a defender o ensino bilíngue, para alunos surdos e que agora passa a ser lei, que atualmente que acoberta o ensino bilíngue para surdos.

1.3 Propostas pedagógicas na educação de surdos: o oralismo e o bilinguismo em foco.

1.3.1 O oralismo

O sistema linguístico é entendido como uma capacidade eminente humana de comunicação onde se é utilizado os símbolos, também se pode compreender como uma condição para o desenvolvimento cultural.

O oralismo onde se é utilizada a questão oral, como a única possibilidade linguística, aonde o surdo vai se comunicar através da tentativa da fala, e na questão da relação com o ouvinte ele usaria a leitura labial. Esse método não é eficaz, pois está fazendo com que o surdo negue a sua origem, e a sua cultura e se faz a negação da diferença entre os surdos e os ouvintes, esse método pode trazer também dificuldade no relacionamento do surdo com seus familiares e amigos.

O principal objetivo da metodologia Oralista é desenvolver a fala do surdo, pois para os defensores deste método, a língua falada é considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas. Esta metodologia foi proposta e defendida no referido evento internacional realizado em Milão/Itália chamado ‘Congresso Internacional de Educação de Surdos’.

De acordo com Goldfeld (2002), essa concepção de educação enquadra-se no modelo clínico, destacando a importância da integração dos surdos na comunidade de

ouvintes. Para isto, ocorrer o sujeito surdo deve aprender a falar por meio de reabilitação da fala em direção à “normalidade” exigida pela sociedade.

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade. (GOLDFELD, 2002, p. 34).

O método do oralismo, após o Congresso de Milão, passou a ser utilizada pela maioria das escolas na educação de surdos de muitos países. A língua de sinais foi proibida, começando assim uma longa e sofrida batalha do povo surdo para defender o direito linguístico por meio da sua língua natural, a língua de sinais.

Falar é algo fácil para as pessoas ouvintes que armazenam vocabulários em sua mente desde que nascem. Porém, quando se trata de uma pessoa surda, esses caminhos se tornam difíceis ou até mesmo impossíveis, pois o fato de não ouvirem impossibilita os de assimilarem palavras em seus cérebros.

Como consequência das práticas oralistas, os surdos não aprenderam a falar. Conseguiram pronunciar apenas algumas palavras que eram repetidas de forma mecânica sem saber o que elas realmente significavam. Esse método resultou em milhões de surdos analfabetos. E os surdos que passaram por essa metodologia trazem marcas negativas em suas vidas até os dias atuais.

1.3.2 LIBRAS

A LIBRAS é a língua brasileira de sinais. Essa é a língua em que os surdos brasileiros utilizam para se comunicar, como já foi dito no capítulo anterior que a partir da lei nº. 10.436 de 2002 e que do regulamento do decreto nº. 5.626 de 2005, passou a ser reconhecida e aceita, onde também se começou a ser disciplinas obrigatórias, nos cursos de magistérios e de fonoaudiologia.

A LIBRAS não é uma língua universal, ate porque como na língua oral se tem a questão do regionalismo, em que se tem a modificação de sotaques, ou de palavras que se tem outros sentidos quando se muda de região para região, da mesma forma é a língua de sinais, que pode ter uma variação de sinal por região, mesmo estando no mesmo país. A Libras não é a única língua de sinais que se possui no mundo, a

nomenclatura também muda de acordo com o país que se está, como, por exemplo, nos Estados Unidos é a ASL, essa variação ocorre pela cultura, e pelo regionalismo de cada região.

Na LIBRAS se tem dois tipos de sinais, que são os sinais icônicos que são aqueles que “sinalizam” o objeto propriamente dito como, por exemplo, telefone, carro; e os sinais não-icônicos que são aqueles que não “sinalizam” a palavra propriamente dita como mãe, filho. Além disso a libras tem cinco parâmetros, que são a configuração das mãos, que seria a forma em que posicionamos as mãos, para poder fazer o sinal que pode ser uma letra, um nome, um número, e que a partir desse posicionamento poderá ser entendido o sinal, que se está querendo informar; O ponto de articulação que é de onde se parte o sinal, que pode ser de uma parte do corpo como do rosto, ou na parte frontal do corpo, do braço entre outros; O movimento, não são todos os sinais que tem movimento, esse se dão o nome de sinais estáticos, um exemplo claro seria o C, ele é um sinal estático já o Ç, ele tem o movimento que é exatamente para diferenciá-lo do C; Orientação ou Direcionalidade é a questão da direção que parte cada sinal, se ele começa de cima para baixo, ou vice versa; e por fim a expressão facial e/ou corporal, pois uma grande parte dos sinais se complementam a partir de expressões tanto facial como corporal para que possa ser compreendido.

Para a criança surda iniciar a aquisição da língua de sinais, ela se divide em três fases, onde a primeira fase é aquele período em que para os ouvintes seria os de balbucios para o surdo é colocado como o início das sequências de gestos que ainda não pode ser considerado como sinais mais que se assemelham. A segunda fase a criança surda começa a pronunciar as suas primeiras palavras que pode ser por volta dos cinco aos sete meses onde ela começa a falar algumas palavras em LIBRAS e a relacionar esses sinais a objetos e coisas, nessa etapa a criança surda assim como a criança ouvinte comete erros nas palavras até porque a mesma não detém o sistema de LIBRAS por completo. E por fim a terceira fase que seria por volta dos dois anos e meio da criança surda onde ela começa a falar frases com duas ou mais palavras. E a partir dos cinco anos começa a formar frases mais complexas e com concordância gramatical.

1.3.3 Comunicação total

A comunicação total é onde se utiliza todos os meios possíveis para a comunicação, onde se pode utilizar os gestos, textos escritos ou desenhados, também o método oral,

esse método pode parecer eficaz mais ele de certa maneira também dificulta a socialização do surdo, pois ele vai continuar naquele seu grupo e também não é visto como uma tendência que não valoriza tanto a língua de sinais.

1.3.4 O bilinguismo

A educação bilíngue é aquela em que envolve duas línguas, para a criança ter uma educação bilíngue depende do contexto político-pedagógico da instituição de ensino em que a criança se encontra, muitas das escolas utilizam o bilinguismo para o ensino do português e alguma outra língua estrangeira, mas na questão da criança surda o bilinguismo se dá a partir do ensino da sua primeira língua que é a e o ensino da língua portuguesa.

Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma polílinguística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segundalíngua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola. (Quadros, 2006, p.12)

Nesta perspectiva, o Bilinguismo:

[...] contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal visuo gestual fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se ‘misture’ uma com a outra (LACERDA 1998 p.10).

Lacerda (1998) ao defender a metodologia bilíngue para surdos destaca que os surdos adquirem conhecimentos por meio do canal visual e a mistura entre línguas, utilizadas na Comunicação Total, dificultava a aquisição de conhecimentos pelos surdos, pois cada língua tem características próprias e independentes, tornando-se assim impossível falar ambas as línguas (sinalizada e oral) ao mesmo tempo no âmbito escolar.

Na concepção de Guarinello (2007, p. 45-46)

A proposta bilíngue surgiu baseada nas reivindicações dos próprios surdos pelo direito à sua língua e pelas pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais. Ela é considerada uma abordagem educacional que se propõe a tornar acessível à criança surda duas línguas no contexto escolar. De fato, estudos têm apontado que essa proposta é a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como natural

e se baseia no conhecimento dela para o ensino da língua majoritária, preferencialmente na modalidade escrita. (...) Na adoção do bilinguismo deve-se optar pela apresentação simultaneamente das duas línguas (língua de sinais e língua da comunidade majoritária).

Percebe-se, assim, que o Bilinguismo foi uma metodologia adotada a partir das reivindicações dos próprios surdos, pois a mesma tem possibilitado o acesso a duas línguas dentro de um contexto: a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, conforme explicado acima.

Na educação bilíngue há uma grande dificuldade no ensino da língua portuguesa, pois é de difícil assimilação por parte dos alunos surdos, pela questão da dificuldade de aprender. O que se fala na língua de sinais se escreve, ela não segue rigorosamente todas as regras de português como, por exemplo, nós ouvintes falaríamos “ela vai se casar esse ano.”, já na língua de sinais seria “EL@ CASAR ANO.” Se é sempre escrita em caixa alta para diferenciar da língua portuguesa e sempre é utilizado o @ para gênero, pois o gênero vai ser determinado de acordo com o contexto que está sendo falado o @ pode ser o gênero feminino ou masculino. Na língua portuguesa isso não é possível, tem que se diferenciar o gênero com a letra A para o gênero feminino e a letra O para o gênero masculino, esse é uma das grandes diferenças entre o português e a língua de sinais.

2. METODOLOGIA.

2.1 Tipo de pesquisa.

O presente trabalho foi realizado através da pesquisa qualitativa, que é uma pesquisa indutiva e considerada exploratória, onde estaremos desenvolvendo conceitos, ideias e entendimentos a partir dos dados que forem coletados, e estes estão como prova da teoria, e hipóteses que foram pré-formadas.

A pesquisa qualitativa é a mais utilizada na área da educação pela questão que o objeto de estudo ele é complexo e variável, com isso esse método se torna mais eficaz. “Quem realiza uma pesquisa qualitativa acredita que a realidade só existe na interpretação que a pessoa faz do mundo.” (MANHEIROS, 2011, p.189)

Nesta pesquisa foi utilizada a coleta de dados através da observação e de entrevista. Onde a observação que é aquela que se vai observar o objeto de estudo e através dessa observação vai se levantar dados onde pode ou não ser compatível com as hipóteses que foram levantadas no projeto de pesquisa. “a observação rotineira não pode ser confundida com a observação científica. A primeira auxilia na construção do conhecimento comum, enquanto a segunda é uma das bases da ciência.” (idem, 2011, p. 190).

2.2 Instrumento da pesquisa.

Em função dos objetos destacados, o estudo empregou entrevistas por roteiro que “(...) são conduzidas com base em roteiro previamente estabelecido que orienta o pesquisador sobre o que se deseja saber da pessoa ou do grupo que é entrevistado”.(MALHEIROS, 2011,p.196). Contendo ainda, observação sistemática que é “(...) um processo observacional, principalmente a um roteiro prévio que deve ser seguido (...)” (MALHEIROS, op.cit. 190). Portanto, a estrutura da pesquisa foi por meio de um roteiro prévio, para que assim, as partes essenciais da pesquisa não passem despercebidas.

A escolha da entrevista justifica-se por ser um meio excelente para um iniciante na área da pesquisa científica, assim, a pesquisadora já vai a campo com a estrutura previamente organizada do que será questionado e a quem. Mas, “(...) o entrevistador não necessariamente deve atender a coletar as informações que estão previstas no

roteiro, mas estar disponível para encontrar dado para os quais não estava preparando” (MALHEIROS, 2011, p.197).

A entrevista proporcionara um diálogo orientado, do qual, será coletados os dados fundamentais para a interpretação da realidade, porem, para que isso ocorra com eficiência é preciso “escutar de forma ativa e escutar para além das palavras que são ditas”(MALHEIROS, 2011, p.198), pois muito das resposta que se busca, ficam nas entrelinhas, nas pausas da fala, nos risos, enfim, é preciso estar muito atento para não ser burlado pelo entrevista, afim de contas ele á um sujeito pensante e inteligente.

A observação e análise de fotos e dos eventos escolares servirão para o enriquecimento da pesquisa, contribuindo com ações e imagens que vão além do cotidiano escolar, e neles podem estar presentes vários discursos e intenções, até então silenciadas ou modificadas, dessa forma podem influenciar inteiramente os significados dos dados.

2.3 Participantes da pesquisa.

Para o desenvolvimento da pesquisa proposta, entrevistamos quatro professores de uma escola especializada na educação de surdos no município de Campina Grande, PB.

2.4 Análise dos dados.

Para se chegar ao resultado da pesquisa, o objetivo é “(...) juntar as informações, analisa-las e torna-las disponível aos informantes (...)” (LÜDKE, ANDRE, 2011, p. 22). Mas essa disposição levava a interpretação dos dados coletados, levando em contaos discursos das entrevistas.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise da pesquisa, dividimos em quatro categorias onde a primeira é o que seria o Bilinguismo na Educação do Surdo. Neste item, as professoras responderam:

É uma corrente eu acho que é ...é uma corrente é ... de educação que agente se preocupa (eu vou fala com minhas palavras não vou fala aquelas palavras teóricas né) é é a preocupação da gente enquanto povos trabalhar o bilinguismo é transcrever de uma maneira clara que o surdo entenda o que agente ta passando para ele que é eu estou passando uma comunicação um conteúdo qualquer coisa através da língua de sinais e ele vai aprender a partir da língua de sinais o português (ta entendendo) é mais ou menos essa concepção de qui é é antigamente agente tinha outras correntes filosóficas que era o oralismo, a comunicação total que foi se perpetuando e foi deixando passar de dede do que vim e chegou o bilinguismo que agente vê que é a modalidade que agente usa hoje né, que é o conteúdo tala que é matemática, português, geografia eu boto o texto e eu vou passar aqui para eles de forma que eles entendam primeiro na língua deles que é a LIBRAS e depois aprender na língua portuguesa. (Professora A).

Bilinguismo é (...) trabalhar com duas línguas, a primeira língua a língua de sinais e a segunda língua a língua portuguesa na modalidade escrita. (Professora B).

Bilinguismo é assim a libras, ela fica como a primeira língua deles, a língua nativa deles, e o português como segunda língua, por isso fica o bilíngue. (Professora C).

Vai alem da língua, agente trabalha, porque agente trabalha com o bilinguismo bicultural, agente primeiro tem o que agente tem para poder ensinar ao surdo, toda a historia dele, tem a questão também da cultura, não é só a questão da língua, num é só saber a língua tem que saber também a cultura, é é e também a historia da sua educação. (Professora D).

Com isso, observamos que as professoras, sabem o que é o bilinguismo mesmo com suas palavras todas compreendem e entendem o que é o bilinguismo, segundo Quadros (2006) o bilinguismo é a junção de duas línguas onde uma vai ser colocada em primeiro lugar e a outra em segundo, onde se é definida principalmente como no caso da educação surda como a primeira língua a LIBRAS e a segunda e língua portuguesa especificamente na modalidade escrita.

A segunda categoria é o método bilíngue adotado, com relação a essa categoria as professoras articularam:

Agente não oraliza nada, agente ainda tem uma grande dificuldade quando chega um aluno que fala que oraliza alguma coisa e que ele chega perguntando alguma coisa, e tem uma ali que fica falando e agente acha ruim pois é so línguas de sinais. (Professora A)

É justamente esse, a primeira língua que é a de sinais e a segunda a língua portuguesa na modalidade escrita. (Professora B).

É como eu falei o português e a libras. (Professora C).

Bicultural. (Professora D).

Com isso, podemos verificar que as professoras utilizam o método bilíngue, mas de certa forma não sabem qual esta sendo trabalhado, muitas confundem o método bilíngue com a comunicação total segundo Lacerda (1998), ele contrapõe-se ao modelo oralista porque considera o canal viso gestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se ‘misture’ uma com a outra.

A terceira categoria é dificuldades no método bilíngue com relação ao ensino do português na modalidade escrita.

Não é, existe essa barreira realmente sim, mais estamos estudando exatamente para isso. agente faz cursos, um cursos de aperfeiçoamento da língua portuguesa né, agente ta fazendo quase todos os professores daqui, exatamente para agente encontrar estratégias (...) de fazer com que o bilinguismo ajude muito mais eles a entenderem o português escrito né porque querendo ou não isso é uma coisa nova para agente, agente ta ensinando uma outra língua para eles, é como você ta aprendendo o inglês você tem que aprender a escrever isso e não só ouvi o inglês e e escrever em inglês, ele tem que ver é é uma coisa tão complexa ainda para o surdo ai ai eles (...) tem dificuldades sim, tem dificuldade, mais como agente trabalha muito com o visual, eu acho que facilita muito o bilinguismo, a questão do bilinguismo (...) fez com que eles tornassem surdos capazes. (Professora A).

Não eu acho que eles auxilia a compreensão do português, porque se não, for outro tipo de bilinguismo porque também existe o que utiliza a língua oral, então se o surda não ouvi, como vai compreender a língua oral? Então ai as instruções que são dadas na língua de sinais para ele entender e depois é repassar para o português ai ele não vai ver, então não ter como fazer isso, porque se ele na vai entender a instrução que esta sendo dada em um língua, então para ele transferir para a outra vai ficar muito mais difícil né. (professora B).

Sim, porque assim é... na libras digamos assim o verbo de ligação, ta entendendo, não existe, vou dar um exemplo, você é bonita, na libras não tem esse É, é só você bonita, então para ir para a escrita dificulta essa parte, que é a regra portuguesa fica difícil para ele, é por conta disso. (Professora C).

Há dificuldade sim, porque, porque é difícil para o surdo aprender o portuguesa na sua modalidade escrita, com a metodologia de segunda língua. (Professora D).

Com isso, verificamos que as professora todas falam que não possui exatamente uma dificuldade, pois todas estão vendo a questão do bilinguismo num todo já a professora C mostra uma dificuldade que muitos não veem que é a questão da aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita, pela questão de que a língua de sinais não possui sentenças assim como no português por isso essa maior dificuldade no português.

A quarta categoria é sobre a contribuição do aparelho auditivo para o desenvolvimento do aluno surdo:

Depende, porque eu digo depende, porque depende do grau da surdes, quando dependo do grau da surdez se ele tiver, uma surdez profunda não vai adiantar nada o aparelho, porque ele só vai escutar porta bater, buzina vem longe, ruídos na verdade, agora se for uma bem leve ajuda sim, porque ai ele vai ajudar no que ele quer na comunicação oral, ajuda, mais é o que agente ver na maioria deles quando se identificam, quando realmente entram na cultura surda, quando eles entendem que a língua de sinais é a língua deles, e que eles conseguem se desenvolver com o mundo com a sociedade, ele não quer o aparelho, porque do jeito que eu entendo ele, ele tem que me entender, ai ele passa a ver que o aparelho não funciona para ele, ai é uma caracterisca do próprio surdo, infelizmente eu não (...) eles não aceitam, uns sim outros não.(Professora A).

No caso dos deficientes auditivos que são aqueles sujeitos que tem uma perda auditiva mais leve ou moderado, o aparelho ele vai auxilia, né, ele vai ter aquele retorno, mais se for sudos profundo, eu acho assim pelo realidade que agente vive aqui, acaba atrapalhando, porque assim as crianças se irrita com barulho muito alto, no caso ele ta concentrado em uma coisa ai ele só vai escuta barulho, ruídos essas coisas né, então se o barulho muito alto, ai acaba desviando a atenção, para o surdo os deficientes auditivos, que tem ainda esse resto auditivo da para se trabalhar a fala, com o auxilio da fono ai eu acho importante, mais as vezes a família não compreende e acha que todos os surdos tem que usar o aparelho e a maioria não se adapta aos aparelhos, o implante coclear, a maioria não se (...) se for profundo ele não se adapta. (Professora B).

Assim na minha opinião eu acho que só ajuda se ele escutar um pouco, mais se for uma surdez profunda não vai ajudar, e sim dificultar porque tem alguns que se incomodam com o aparelho auditivo, então eu acho que ele não ajuda muito. (Professora C).

Alguns surdos adultos relatam que é ruim que é barulho, mais tipo, se for alguém que ta perdendo a audição, eu creio que deve ajudar, mais alguns surdo criticam, principalmente aquele que nasceu surdo, porque tem o surdo e o deficiente auditivo, o deficiente auditivo ele já tem a língua oral, e vai perdendo aos poucos assim como tem crianças aqui que fala, acho que para eles é importante, mais é importante também não perde o contato com a libras, um dia ele pode perde totalmente a audição, e ele pode utilizar a libras e aprenda se desenvolver como surdo, com a libras. (Professora D).

Com esse tópico, podemos observar que as professoras de certa forma concordam que o aparelho auditivo não ajuda a todos os surdos, pois aqueles que tem a surdez profunda não vai adiantar pois eles apenas vão escutar barulhos, e como isso acabam se incomodando, o aparelho pode ajudar na questão daqueles surdos leves, ou para aquelas pessoas que estão perdendo aos poucos a audição.

4. À GUIA DE CONCLUSÃO.

Durante o percurso desta pesquisa, foram apresentados fatos históricos e abordagens teóricas que por séculos permearam a educação para surdos. Com isto, foi possível perceber mudanças nas representações da sociedade acerca da surdez e dos métodos de ensino para surdos. Durante anos a sociedade concebeu os surdos como sujeitos anormais que deveriam curar-se por meio da aquisição da linguagem oral assim, a escola ou os métodos desenvolvidos para o ensino dos surdos partiam da premissa de que as pessoas surdas deveriam adquirir a língua oral para poder se desenvolver cognitivamente. Este princípio norteou a primeira abordagem metodológica para o ensino de surdos o oralismo.

Com o decorrer da educação do surdo foram surgindo novos métodos como a comunicação total e por fim que segue até hoje o método bilíngue, com isso devemos entender que a metodologia baseada em uma perspectiva bilíngue, não é apenas uma quebra de paradigma educacional é também uma quebra de paradigma social, uma vez que, a representação social sobre a surdez, ao longo do tempo, vem sendo modificada, bem como a prática educativa para o ensino dos alunos surdos.

A adoção da concepção do Bilinguismo na Educação para surdos possibilita o ensino para os alunos surdos através da língua de sinais, a LIBRAS. Podemos concluir que, a denominada educação Bilíngue visa o reconhecimento do surdo tanto na instância educacional quanto na social. De acordo com esta perspectiva educativa, o surdo tem o direito à educação onde sejam atendidas as suas especificidades linguísticas, por exemplo, o uso da língua de sinais como língua de instrução nas aulas e a utilização de recursos e materiais visuais como técnicas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem destes discentes.

Desta maneira, podemos concluir que de acordo com a perspectiva Bilíngue, diversas são as possibilidades que contribuem para um melhor processo de ensino e aprendizagem e, como consequência, para uma construção de uma identidade surda. Esta perspectiva só pode ser alcançada, na medida em que os ambientes sejam pensados de forma a atender a concepção da língua de sinais, isto é, uma língua essencialmente gestual e visual, que assim requer um ambiente todo ele sinalizado, com a configuração de mão, além da escrita na língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. “Nossas lembranças da escola tecidas em imagens.” In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004 (p.127-136).

Damzio, M. F. (2007). *Atendimento Educacional Especializado Pessoa com Surdez*. Brasília - DF: SEESP; SEED; MEC.

Fernandes, E. (2011). *Surdez e Bilinguismo* (Vol. 4º). Porto Alegre: Editora Mediação.

Karnopp, L. B. (2002). Língua de Sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: A. C. Lodi, & L. B. Karnopp, *Letramento e minorias* (pp. 56 - 61). Porto Alegre: Mediação.

Karnopp, L. B. (2004). Língua de Sinais na Educação dos Surdos. In: A. d. Thomas, & M. C. Lopes, *A invenção da Surdez Cultura, Alteridade, Identidade e diferença no campo da educação* (pp. 103 - 112). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Perlin, G. T. (2004). O Lugar da Educação Surda. In: A. d. Thomas, & M. C. Lopes, *A Invenção da Surdez Cultura, Alteridade, Identidade e diferença no campo da educação* (pp. 73 - 82). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Sanchez, C. (2002). A escola, o fracasso escolar e a leitura. In: A. C. Lodi, & K. M. Harrison, *Letramento e minorias* (pp. 15 - 26). Porto Alegre: Mediação.

Skliar, C. (1999). *Atualidade da Educação Bilingue para Surdos* (Vol. 2). Porto Alegre: Editora Mediação.

Souza, R. M. (2002). Educação de surdos e questões de norma. In: A. C. Lodi, & K. M. Hrrison, *Letramento e minorias* (pp. 136 - 143). Porto Alegre: Mediação.

FRANCO, Maria Amélia. 'Pedagogia da Pesquisa-Ação.' In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p. 483-502, set/dez 2005. Disponível em: <...>. Acesso em: 18 fev 2012.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. "A Pesquisa em Educação no/do/com o Cotidiano das Escolas." In: PEREZ, Carmem L. Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa de; FERRAÇO, Carlos Eduardo (Orgs.). **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotianos das escolas.**Petrópolis:DP et Alii,2008 (p. 23-34)

FERREIRA, L.S. 'A pesquisa educacional no Brasil: tendência e perspectivas.' In: **Contrapontos**, Itajaí, v.9,n.1, p. 43-54, jan/abr 2009. Disponível em: <...>. Acesso em: 18 fev 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

Damzio, M. F. (2007). *Atendimento Educacional Especializado Pessoa com Surdez.* Brasília - DF: SEESP; SEED; MEC.

Fernandes, E. (2011). *Surdez e Bilinguismo* (Vol. 4º). Porto Alegre: Editora Mediação.

Karnopp, L. B. (2002). Língua de Sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: A. C. Lodi, & L. B. Karnopp, *Letramento e minorias* (pp. 56 - 61). Porto Alegre: Mediação.

Karnopp, L. B. (2004). Língua de Sinais na Educação dos Surdos. In: A. d. Thomas, & M. C. Lopes, *A invenção da Surdez Cultura, Alteridade, Identidade e diferença no campo da educação* (pp. 103 - 112). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Perlin, G. T. (2004). O Lugar da Educação Surda. In: A. d. Thomas, & M. C. Lopes, *A Invenção da Surdez Cultura, Alteridade, Identidade e diferença no campo da educação* (pp. 73 - 82). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Sanchez, C. (2002). A escola, o fracasso escolar e a leitura. In: A. C. Lodi, & K. M. Harrison, *Letramento e minorias* (pp. 15 - 26). Porto Alegre: Mediação.

Skliar, C. (1999). *Atualidade da Educação Bilingue para Surdos* (Vol. 2). Porto Alegre: Editora Mediação.

Souza, R. M. (2002). Educação de surdos e questões de norma. In: A. C. Lodi, & K. M. Hrrison, *Letramento e minorias* (pp. 136 - 143). Porto Alegre: Mediação.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. Caderno Cedes, vol. 19, n 46. Campinas, 1998.

GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.

APENDICE

Entrevista semi-estruturada

1. Dados profissionais
 - 1.1 Identificação
 - 1.2 Formação acadêmica
 - 1.3 Possui pós-graduação ?
 - 1.4 A quanto tempo trabalha com surdos?
2. Dados sobre a educação bilíngui
 - 2.1 O que é bilinguismo na educação surda?
 - 2.2 Porque a escola adotou o bilinguismo?
 - 2.3 Qual o tipo de bilinguismo que esta sendo trabalhado?
 - 2.4 Você defende um cultura surda?
 Sim, porque? _____
 Não.
 - 2.5 Na sua opinião, o método bilíngui na educação de surdo pode apresentar alguma dificuldade na compreensão do português na modalidade escrita?
 - 2.6 Os aparelhos auditivos para surdos pode trazer benefícios para o desenvolvimento e aprendizagem dos surdos?